

COPEL

INFORMAÇÕES

ANO XVIII - Nº 124 - DEZEMBRO/86

**UFA! ENFIM ME APOSENTEI.
MAS, E AGORA?** Pág§ 6/7

TRIGÉSIMO ANIVERSÁRIO DO BATALHÃO SUEZ PATRULHAS NA LINHA DO ARMISTÍCIO



“Se queres a paz, prepara-te para a guerra” — diz o provérbio latino. Essa filosofia milenar nem sequer passou pela cabeça dos brasileiros civis que se cadastraram para participar do contingente que foi ao Suez para manter a paz entre egípcios e israelenses. A maior parte dos brasileiros encarou a ida ao Suez como uma oportunidade ímpar para satisfazer a curiosidade e alimentar o espírito aventureiro, conhecer, passear, ir e vir...

Israel e Egito brigam pelo canal de Suez e pelas terras palestinas. A Organização das Nações Unidas interferiu, criou a Força Internacional de Paz que atuaria na linha de armistício para assegurar o cumprimento das suas resoluções. Corria a segunda metade do ano de 1956. Participam da força de emergência brasileiros, canadenses, noruegueses, finlandeses, suecos, iugoslavos,

indianos, dinamarqueses, colombianos e indonésios.

Convidado a participar, o Brasil aceitou e começou a enviar tropas. O decreto legislativo foi assinado em 22 de novembro de 1956. Para participarem do batalhão foram selecionados militares e civis que, após um período de adiestramento, estavam aptos a seguir viagem. A primeira tropa embarcou em 11 de janeiro de 1957 com destino a porto Said, onde chegou em 2 de fevereiro.

O desembarque durou 6 dias. A tropa se deslocou, depois de receber a bandeira da ONU, para Omar Camp onde se incorporou à força de emergência, ao Sul do Porto Said. Após um período de adaptação, a tropa foi para El Arish, depois para Rafah onde instalou o plantão central.

Pág§ 4/5

**VAMOS VIVER
SEM
VIOLENCIA**

MENSAGEM DO PRESIDENTE

Fim de ano. Hora de retrospectiva. Hora de nos voltarmos sobre o passado recente, para uma breve análise das realizações de 1986.

O ano começou com um desafio: o racionamento de energia elétrica, decretado em meados de janeiro pelo governo federal diante da situação crítica dos reservatórios das usinas. A COPEL respondeu pronta e satisfatoriamente: já no início de abril o racionamento era suspenso, tendo atingido plenamente seus objetivos em nosso Estado, sem necessidade de adoção de nenhuma medida com resultados dramáticos para a população paranaense.

Muitos outros fatos importantes marcaram a atuação da Empresa no período. Alguns devem ser ressaltados, num breve balanço:

- A aprovação do esquema de financiamento da hidrelétrica de Segredo e o início das obras de desvio do rio Iguaçu.
- A ligação do consumidor nº 1.500.000.
- A realização da XI Conferência Latino-Americana de Eletrificação Rural.
- A contratação da ligação de nº 120.000 do CLIC Rural.

Como se vê, a COPEL continuou trilhando, com passos firmes, a mesma trajetória que a levou a ocupar o primeiro lugar entre as empresas paranaenses e destacada posição entre as empresas brasileiras.

Fim de ano. Hora também de reflexão. Hora de nos debruçarmos sobre nossa conduta como seres humanos e repensarmos sentimentos como os de Amizade e Companheirismo.

Hora de meditarmos sobre as verdadeiras acepções de palavras como Paz, Amor, Solidariedade e Fraternidade, desejando que o seu sentido profundo possa ser melhor compreendido pelos homens.

Hora de nos abraçarmos fraternalmente e desejarmos sinceramente uns aos outros Feliz Natal.

Hora de nos solidarizarmos — com paz e amor no coração — na esperança de que 1987 seja repleto de grandes alegrias e realizações para todos e para cada um de nós.

Francisco Luiz Sibut Gomide

GOMIDE: A CRISE DO SETOR ELÉTRICO NÃO SE DEVE APENAS À ESTIAGEM



QUEIMADAS

Em 18 de abril de 1984, um blecaute de grandes proporções transtornou durante certo tempo a vida de milhões de brasileiros, repentinamente condenados à escuridão por uma queimada imprevidentemente feita nas proximidades de uma importante linha de transmissão no interior de São Paulo. Para que casos como este não voltem a se repetir, as empresas de eletricidade organizaram e estão executando um amplo programa de orientação e esclarecimento, principalmente junto a entidades e empresas do setor canavieiro, sobre as formas corretas de se realizar uma queimada e os meios para mantê-la sob controle.

Oficialmente batizada de Campanha Nacional de Prevenção de Queimadas em Linhas de Transmissão, a iniciativa tem a participação da Superintendência de Transmissão, que procura engajar também as cooperativas e associações. No dia 27 de novembro, por exemplo, o engenheiro Edilson Bertholdo realizou palestra em Maringá e no dia seguinte em Bandeirantes, reunindo na platéia representantes das indústrias sucroalcooleiras da região, de sindicatos de trabalhadores rurais, cooperativas e Acarpa.

O sistema elétrico brasileiro está operando com uma taxa de risco três vezes e meia maior que a verificada há cinco anos, o que caracteriza uma probabilidade estatística de enfrentar problemas como racionamento ou qualquer outra forma de limitação de consumo a cada 14 anos — antes, com risco de 2%, o tempo de recorrência era de 50 anos. A informação foi dada pelo presidente Francisco Gomide ao participar, no dia 25 de novembro, do painel sobre energia na 43ª Semana de Engenharia, Arquitetura e Agronomia promovida pelos conselhos regionais e Conselho Federal da classe, no auditório da Reitoria da UFPR em Curitiba.

Em sua exposição, Gomide alertou para a forma consciente com que foi assumido esse risco maior, na medida em que as autoridades federais de governos anteriores permitiram o adiantamento de investimentos baseados na enganosa idéia de que sobrava energia no início dos anos 80. Por causa dessa decisão e

mais a compressão das tarifas elétricas nos últimos onze anos, o endividamento excessivo das concessionárias e a explosão do consumo — propiciada de um lado por tarifas baratas e, de outro, pelo incentivo ao uso da eletricidade em lugar dos derivados de petróleo —, o Brasil foi levado à situação em que hoje se encontra: "Até o final deste século, viveremos num panorama de escassez de energia, pois o setor não tem como executar um programa de expansão suficientemente grande para atender a um mercado que cresce a taxas de 10% ao ano", observou Gomide.

Para o presidente, é preciso também que as pessoas revejam suas posições de que a crise de energia atual é fruto simplesmente "da falta de colaboração de São Pedro". A falta de chuvas, para ele, é uma agravante de todo o problema, mas não há como negar os déficits nacionais em termos de geração e transmissão.



COMPANHIA PARANAENSE DE ENERGIA

Diretores
Francisco Luiz Sibut Gomide
Presidente

José Carlos Pupo Persson
Administrativo-Financeiro

Luiz Fernando Cicato
Distribuição

Aicyr de Castro Ricardo dos Santos
Engenharia e Construção

Antonio Otelo Cardoso
Operação



Boletim mensal de distribuição dirigida editado pela
Assessoria de Relações Públicas-AR/P

Conselho Editorial
Marcos Aurélio de Castro,
Rubens Roberto Habitzreuter, Romeu Franzen

Correspondentes

Neuza M. Sarroche (ED/FOZ), Carlos A. Zasztzi (CTRI), Clarice M. Rosetti (ED/DPTO), Cleir Batista Gomes (CTRV), Damasceno M. da Rocha (CTRL), Eder Dubczak (SRV), Clóvis Vissoci (CTRM), Edson Luiz Vieira (SRG), Izias de Antonio (ED/PCA), João Guilherme de Castro (ED/APA), Jorge Lima de Souza (CTRC), Hamilton Luiz Corrêa (GBM), Leocídes Sinhorini (SRM), Milton Faretta (Segredo), Mauro Nunes de Oliveira (ED/CPQ), Dante Consalvan (ED/CMO), Odair D. dos Santos (GPS), Orides Jimenes (ED/UMU), Ronaldo Follador (SRP), Salvador F. de Oliveira NI (GR), Sérgio C. Monteiro (ED/UVI), Saint Clair C. Rabello (FRA), Arlindo Reolon (ED/FBL), Valter José Bruno (ED/PVI), Humberto Martinez (JMF).

Arte
Albano Pereira e Francisco Bettega Netto

Fotografia
Irineu Nievola e José Carlos Simões

Circulação
Altair Cavassin

Redação
Rua Coronel Dulcício, 800 - 10º andar,
Fone 224-0400, Ramais 315 e 541 - Curitiba/PR.

TIO CLARÍCIO APOSENTADO CONTA SUA VIDA

A vida de aposentando não vem sendo tão boa quando almejava. Apesar de sossegada, é uma condição que preocupa a Clarício Vanhoni, ou "tio Clarício", que até o dia 1º de setembro passado trabalhou como eletricitista de distribuição em Paranaguá. Aos 57 anos e gozando perfeita saúde "graças ao cuidado que sempre tive e aos equipamentos de segurança", Clarício conta que tomou um susto ao receber seu camê de aposentadoria do INPS: a pensão a que tinha direito apresentava uma defasagem em relação ao salário habitualmente recebido na ativa. Mas com a complementação paga pela Fundação, os rendimentos líquidos mensais praticamente empatam.

Mesmo assim, Clarício está demorando a se conformar e sentença, entre críticas ao sistema previdenciário oficial, que "o aposentado tem de se virar, fazer um 'bico', qualquer coisa, senão o rendimento cai". E mesmo aposentado, segue trabalhando naquilo que mais gosta e sabe fazer: serviços elétricos. "Estou aproveitando agora para aprender um pouco sobre instalações internas, já quer por 27 anos mexi apenas com fiação de rua". E assim garante um pequeno adicional que está lhe permitindo manter um padrão de vida semelhante ao desfrutado até o dia em que "vestiu o pijama" — para alegria de sua esposa, dona Evaldina, com quem casou há 31 anos. "Antes o Clarício quase não parava em casa, e tinha épocas em que mesmo de madrugada vinham buscá-lo para serviços de emergência. Era sofrido. Ele saía e eu começava a rezar para que nada de mau lhe acontecesse", conta.

AS ALEGRIAS

Além de inúmeras amizades, Clarício conquistou em sua passagem pela Copel, muitas alegrias — a maior das quais justamente no último dia de trabalho, quando foi homenageado pelos colegas ganhando deles uma placa em que ressaltam "sua honestidade e dedicação como exemplo aos que ficam". É com orgulho que Clarício lembra, também, de quando veio a Curitiba receber seu certificado de 10 anos de serviço. Uma fotografia guardada com infueta devoção e carinho registra a entrega do diploma, feita pelo falecido professor Parigot de Souza.

Sobre o seu trabalho, Clarício conta que virou eletricitista contra a vontade do pai, que temia por acidentes. Admitido na Força e Luz como ajudante, desde cedo



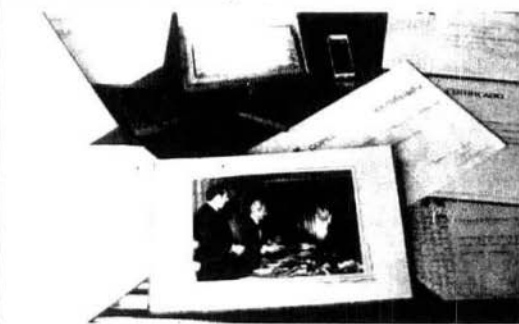
ininteressou-lhe o serviço de eletricitista e logo, sem qualquer preparo, aventurou-se: "A primeira vez em que cai de um poste foi na mesma vez em que subi. Naquele tempo — lembra — não havia equipament de segurança para todo o mundo, e eu, que nem eletricitista era, subi até a altura de sete metros. Foi a conta da queda. Por descuido, grudei nos fios. Os companheiros, embaixo, sacudiram a escada para me soltar e eu caí em cima de um banco de areia. Fiquei 15 dias parado com o pé machucado. Lembrei do conselho de meu pai quando estava lá no alto do poste, grudado nos fios".

CARROÇANDO

Mas nem isso desestimulou "tio Clarício", apelido com que foi batizado por um colega há vinte anos e que carrega até hoje, com orgulho. Herdeiros, deixa mais ou menos "uns 15", que aprenderam os macetes e as manhas do trabalho com ele. Manhas identificadas no dia-a-dia de serviços prestados a uma comunidade que, por vezes, insurgiu-se contra a concessionária de eletricidade — fosse ela a Força e Luz ou a Copel, que mais tarde assumiu a tarefa. "Não era nada fácil trabalhar naquela pressão, e também as condições não ajudavam. Não raro faltava escada. Quando a Copel chegou, encontrei muita coisa errada,

muitas falhas a serem corrigidas, mas o povo não entendia e sequer deu prazo à Empresa. As redes eram ruins barbaridade. Tinha de tudo: poste de trilho, de madeira, circuitos utilizando fio 10 (de chuvaivo), e a gente ia tapeando, consertando do jeito que dava. Mas à noite, podia preparar a vela", conta. Com o tempo a situação foise normalizando, e hoje quem ouve histórias desse tipo limita-se a achar graça: "Mas nós que estivesmos ali, vivendo na pele tudo isso, sabemos como foi duro".

Quando entrou na Força e Luz, Clarício mal sabia escrever o próprio nome. Até então, sempre fora lavrador ajudando no sítio que a família tinha na Colônia Quintilha, arredores de Paranaguá, onde nasceu. Depois de moço, já entrando na Força e Luz, trabalhou oito anos como carroceiro, puxando verduras até o mercado da cidade: "Acordava às 3 da manhã, carroçava até 7 horas, tomava um café e já ia para a empresa. Era o jeito de fazer com que o orçamento de casa fosse garantido a cada fim de mês". Hoje tudo isso é passado, e sentado no sofá da sala às voltas com dois dos cinco netos, "tio Clarício" desfia histórias, entremendo passagens cômicas com seguidos elogios à Copel, que para ele foi mais que uma empregadora: "Tudo o que sei e o que sou devo a ela. Vim do mato, não pude estudar, e foi a Copel que me abriu o caminho".



INFORMÁTICA A LINGUAGEM APL

Se você utiliza terminais de computador, não deve perder esta oportunidade de se atualizar em conceitos, conhecer novas aplicações e trocar idéias com companheiros de outras áreas. Podendo, ainda, apresentar aplicações de sua autoria ou maneiras engenhosas de resolver problemas com o auxílio do computador.

Esta é a oportunidade!

Participe do Ciclo de Palestras "Informática na Copel" sob o tema: "A Linguagem APL", nos dias 25 e 26 de maio de 1987, no Auditório do Edifício Sede, à rua Coronel Dulcício, 800, 10º andar, das 8:30 às 11:30 horas.

Contacte um dos colegas abaixo:

- José Roberto Ribas (SSP/CESU) - 224-0400, ramal 567.
 - Charles Evaldo Boller (SOT/DPSE) - 222-2622, ramal 568.
 - Osni Vicente (SOS/DPPO) - 224-0400, ramal 493.
 - José Carlos Loureiro (DAF/AEC) - 224-0400, ramal 419.
 - Marco Aurélio Santos (SSU/ASSU) - 222-2622, ramal 749.
- Sua participação é muito importante, pois com ela está assegurado o sucesso deste evento.

AQUISIÇÕES DA BIBLIOTECA

* As obras precedidas pelo asterisco são de autoria de empregados da Copel.

BID. Progresso sócio-econômico na América Latina: relatório de 1986. 459 p.

CARNEIRO R. et alii. Política econômica da Nova República. 1986. 275 p.

REFERÊNCIA LATINO-AMERICANA DE ELETTRIFICAÇÃO RURAL. 11. Curitiba, 1986. Livro de contribuições técnicas. 3v.

FRAGOMENI, A. D. Dicionário enciclopédico de informática. 1986. 740 p.

GOLDSMITH, R. W. Brasil 1850-1984: desenvolvimento financeiro sob um século de inflação. 1986. 557 p.

LINHARES, T. Paraná vivo: sua vida, sua gente, sua cultura. 2. ed. 1985. 270 p.

* MICHELIN, Lílian Bernert & LOPES, Marina Cordeiro. O serviço de disseminação seletiva da informação da biblioteca da Copel. In: SEMINÁRIO SOBRE AUTOMAÇÃO EM BIBLIOTECAS E CENTROS DE DOCUMENTAÇÃO, 2., São José dos Campos, 1986. 8p.

NAVES R. As grandes hidrelétricas e seus impactos. 1986. 27 p.

PARANÁ, DEE. Anuário estatístico do Paraná - 1984. 1 v.

PARANÁ, DEE. Dados básicos da região metropolitana de Curitiba - 1985. 274 p.

PARANÁ, DEE. Sinopse estatística do Paraná - 1985. 1 v.

REGO, J. M. et alii. Inflação inercial, teorias sobre inflação e o plano cruzado. 1986. 327 p.

SKINNER, B. F. Walden II: uma sociedade do futuro. 1978. 316 p.

STRASSMANN, P. A. Os frutos da informática: a transformação do trabalho na era eletrônica. 1986. 360 p.

Trabalhos apresentados na XI CLER:

* ANDRADE, Maria Elisabete Santos Pá de. Diretrizes e bases para o estabelecimento de um plano de segurança rural na Copel. p. 863-876.

* ARAÚJO, Antônio J.; CARVALHO, Dielson, A.; ZAZULA, Dorotéa D. Comercialização de projetos de eletrificação rural: experiência da Copel. p. 173-182.

* ARAÚJO, Antônio J.; CORBE-LINI, Irino I.; D'ALMEIDA, Joaquim

Carlos S. Execução de obras de eletrificação rural com a participação de prefeituras municipais. p. 541-546.

* CORRÊA, Hilário; NOBREGA FILHO, Luiz; VARGAS, Oswaldo da Silva. Programa de eletrificação rural: otimização de projetos - resultados obtidos. p. 547-556.

* GARRAZA, Nestor Angel; VARGAS, Oswaldo da Silva; COSTA, Paulo F. Machado da.; JABS, Roberto. A influência na custo das ligações rurais. p. 581-590.

* HENKE, Sérgio Luiz. Cabos de aço zincado para eletrificação rural. p. 191-196.

* HUDENSKI, Clodomiro; LOCH, Deoclécio; NEVES, Gerson C.; STAMATO, Marco A.; BASSLER, Mauro; NATEL, Roberto; ANDRADE, Yvan G. Racionalização de isoladores e pinos e suas aplicações em redes de distribuição aérea. p. 659-682.

* HUDENSKI, Clodomiro; LOCH, Deoclécio; NEVES, Gerson C.; STAMATO, Marco A.; BASSLER, Mauro; NATEL, Roberto; ANDRADE, Yvan G. Racionalização na proteção de redes de distribuição aérea rural contra sobretensões elétricas. p. 693-702.

* SCHOLTEN, Flávio; FRANÇA, José Albino; SHIGUEOKA, Olímpio Sado. Considerações sobre a proteção contra sobrecorrente de sistemas de distribuição rural. p. 417-428.

* ZAZULA, Dorotéa D.; MACEDO, Francisco E. A.; SOARES, Jefferson G.; WASZCZYNSKYJ, Victor. Avaliação do programa de eletrificação rural: CLIC Rural. p. 275-288.

* ZAZULA, Dorotéa D.; SOARES, Jefferson G.; YANASE, Sérgio. Controle e acompanhamento do programa de eletrificação rural: experiência da Copel. p. 293-306.

DVBI - Rua 13 de Maio, 616 - Curitiba - Paraná - Telefone: 222-2782 - Ramais 131 e 132.

Consulte a Biblioteca para suas necessidades de informação:

- empréstimo das publicações relacionadas acima ou outras;
- circulação de revistas;
- consulta local, por telefone ou telex;
- execução de pesquisas;
- acesso, via terminal, ao banco de dados econômicos e de recuperação de informações bibliográficas.

“A PÁTRIA NÃO NOS DEVE NEM MESMO GRATIDÃO”

AVENTURA COM OUTRO NOME

A missão do Batalhão Suez era identificar os beligerantes e assegurar o cumprimento das resoluções da ONU, interpondo-se na linha do armistício para impedir os choques armados. Havia, entretanto, outros inimigos para os brasileiros — o deserto era depressivo, o clima era variado, a língua, os costumes, o jeito brasileiro que não havia por lá. Com audácia, o brasileiro mostrou uma vez mais a sua capacidade de adaptação e facilidade de relacionamento com outros povos. Um obstáculo apenas, era difícil de remover: a saudade da pátria e dos entes queridos — estes, nas emotivas lembranças e aquela, na sensação de felicidade, paz, liberdade...

Súbito, o espírito de aventura foi cedendo lugar a patrulhas, reconhecimentos, levantamento de campos minados, deslocamentos, instruções. Algumas dessas missões marcaram com sangue a presença do Brasil nas areias do Sinai. Mas o lema do Batalhão era mais forte e identificava o espírito de corpo que dominava seus integrantes:

As primeiras tropas foram transportadas em navio de fabricação japonesa. As camas não mediam mais que 1.60m. E sobrava muito pé e perna no final da cama. Depois, encompridaram as camas para alegria das próximas tropas.

“A Pátria não nos deve nem mesmo gratidão”.

Dos quase duzentos quilômetros de extensão da linha do armistício, aproximadamente 26 eram de responsabilidade dos brasileiros. O patrulhamento era feito por sete turmas de 6 homens e 14 postos fixos com dois homens. O revezamento era feito a cada 4 horas, 24 horas por dia. Com certeza, o jeitinho brasileiro sempre conformava os beligerantes: Olha, não vamos brigar não! Deixa isso pra lá. Daqui você não pode passar. Nós não guerreamos, queremos paz entre vocês...

Foram 10 anos de presença no Oriente Médio. Os brasileiros puderam mostrar o seu valor e contribuir para a manutenção da paz mundial, não deixando, em momento algum, de cumprir a missão que foram incumbidos. Quase 10 mil brasileiros integraram o Batalhão Suez, permanecendo, em média, um ano no cumprimento da missão. Missão que era de paz mas que exigiu dos brasileiros muito esforço e dedicação.



Na visita ao presidente José Sarney, em 14.8.86, as Associações do PR, SP, RJ, SC, RS e MG.

CHEGA DE ARMISTÍCIO

Em 1967 a ONU extinguiu a Força Internacional de Paz. O Batalhão encontra-se aguardando a ordem de embarque para o Brasil, na condição de hóspedes do Egito. Estoura a guerra entre Israel e Egito, envolvendo os brasileiros em um conflito do qual não era participante. Chega de armistício. Pemas pra quem tem. É guerra. Uma vez mais o sangue brasileiro é derramado no esforço pela paz no mundo. Uma missão que era de paz, entretanto, não foi menos sofrida que muitas missões de guerra. Mas ela foi cumprida com o mesmo entusiasmo e determinação que sempre marcaram as intervenções brasileiras nas ocasiões em que foi protagonista.

COPELIANOS NO BATALHÃO

Do Batalhão Suez participaram, sem dúvida, muitos dos que hoje são nossos colegas de Empresa. Conversamos com o Antônio Gulmine que hoje preside a Associação Batalhão Suez no Paraná. Ele nos contou histórias de verdadeiro desprendimento e dedicação do povo brasileiro em missões de paz. Nos contou também passagens pitorescas da missão. E nos fez ver, para transmitir, a pouca divulgação desses heróis anônimos que nas lembranças históricas escreveram páginas da nossa História no cenário da paz mundial.

Gulmine participou da Força Internacional de Paz no período de 6 de dezembro de 1961 a 13 de fevereiro de 63. “Fui para matar a curiosidade — conta — porque queria conhecer aquelas regiões e já que era uma missão de paz, não teria muito trabalho. Intermediar, afinal, é um trabalho que o brasileiro conhece muito bem. Mas a aventura mudou de figura já na chegada. E a gente viu a que foi...”

Segundo o Gulmine, os primeiros noventa dias eram para adaptação da língua, dos costumes, com o dinheiro deles, com os macetes dos povos. Ficavam no trabalho ou no patrulhamento, sempre atentos. Mais tarde, a cada três meses, tinham três dias de folga. Empreendiam viagens às cidades e aos países vizinhos, por conta da ONU. Aliás, o exército brasileiro pagava uma mensalidade

O brasileiro chegava no restaurante, na passagem por Casablanca, no Marrocos, e pagava a conta com uma nota de 10 cruzeiros — vendinha como o dólar — e dizendo: “Brazilian dollar”. O comerciante dava o troco em dólar americano.



O general Confúcio (Assoc. RJ), Antônio Gulmine (Assoc. PR) e o coronel Capelão Perry (Assoc. SP).

A ONU fornecia uma gratificação em forma de vale, para ser utilizado no comércio que mantinha para a força internacional de paz. O brasileiro, malandrinho, comprava cerveja ou uísque com o vale, e ia vender ao egípcio. Recebia o pagamento em dólar.

para cada integrante do batalhão e a ONU dava uma gratificação. Acontece que a gratificação da ONU era na forma de vale: vale nos bares, nas lojas de roupas, no comércio, mantidos pela própria ONU. O brasileiro, no famoso jeitinho, conseguia transformar o vale em dinheiro, em dólar. Compravam, por exemplo, uma caixa de cerveja ou uísque e vendiam para o egípcio que pagava em dólar.

Os navios, na viagem para o Suez, faziam uma parada em Casablanca (no Marrocos). Acontece que nessa época havia saído, no Brasil, a nova nota de 10 cruzeiros, verdinha como o dólar. Pois bem, na passagem por Casablanca, lá ia o brasileiro para a negociata, a malandragem do brasileiro: chegava na revistaria ou no restaurante e pagava com a nota dizendo "brazilian dólar!" e esperava o troco que vinha, naturalmente, e em dólar americano. (Mais tarde o cambalacho foi descoberto e as últimas tropas nada mais puderam fazer).

Outro fato interessante foi a viagem das primeiras turmas, feita em navio de fabricação japonesa. As camas mediam 1 metro e 60 centímetros de comprimento. Os brasileiros deitavam e sobravam pernas e pés no final da cama. Tiveram de sofrer adaptações, para maior, para pelo menos deixar a tropa descansar durante a viagem. Lá, a temperatura variava de 56 graus de dia para 5 graus à noite.

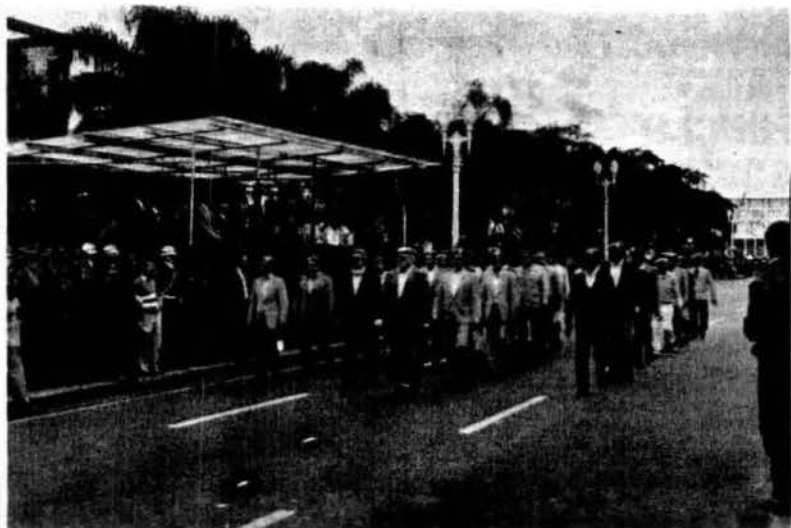
Antônio Gulmine tem 22 anos de Empresa, 47 de idade, é casado e tem 3 filhos. Trabalha na Superintendência de Transmissão como supervisor de manutenção elétrica.

As primeiras tropas recebiam salário em torno de 125 dólares para soldado e 230 para cabos e outras patentes. Nos cinco anos depois, o salário do soldado já estava nos 116, depois 108 dólares e os cabos recebiam 186 dólares. Reclamaram e até hoje o pessoal tem saldo a receber...

A ASSOCIAÇÃO BATALHÃO SUEZ

Em 1978 alguns integrantes da missão do Suez reuniram-se para formar uma Associação. Ela tem e tem a finalidade de congrega os integrantes para lembrar o acontecimento, reviver histórias e estar à disposição para assistência filantrópica. Com recursos provenientes de uma mensalidade, a Associação presta auxílio aos ex-integrantes do Batalhão que necessitem de ajuda.

Atualmente congrega 150 dos cerca de 800 paranenses que fizeram parte da missão. É intenção aumentar aos poucos o número de associados e integrar se possível, todos os participantes do batalhão. Gulmine é o atual presidente da entidade que realiza reuniões para conversas ou resolver assuntos inerentes a assistência filantrópica. Gulmine, que preside a associação até 1987 faz um convite para que todos os que conhecerem integrantes do Batalhão Suez os avisem da existência da Associação, e deixa o telefone e endereço para contatos: Estrada Ângelo Pianaro, 165, fone 272-1408 em Curitiba.



No desfile em 7 de setembro/Curitiba.



Quando chegava um navio trazendo de volta tropas participantes do Batalhão Suez, a cotação do dólar caía bruscamente. A simples notícia de algum navio chegando do Suez fazia o dólar oscilar no mercado...

Se você conhecer algum integrante do Batalhão Suez, diga-lhe que existe, em Curitiba, a Associação que congrega todos os participantes da missão.

Associação Batalhão Suez -
Regional Paraná
Estrada Ângelo Pianaro, 165
Fone 272-1408

ESCOTISMO

No dia 4 de outubro comemorou-se, em todo o mundo, os Setenta Anos de Lobismo. Para festejar a data, reuniram-se em Foz do Areia o grupo local e o de Segredo.

Já nos dias 8 e 9 de novembro

foi realizada em Foz do Areia, com a participação dos grupos de Guarapuava e Segredo, o IX ELO NACIONAL - 6º DISTRITO. Na foto, momento em que um escoteiro participava de um "comando crawl".



SIPAT NO CTRP

Uma mensagem mostrando que a vivência familiar ajuda a minimizar a carga emocional de qualquer trabalhador, aliada à boa performance nas demais atividades da gincana de segurança, valeram à equipe da DVLE pelo 3º ano consecutivo o primeiro lugar na Semana Interna de Prevenção de Acidentes do Trabalho do CTRP.

A Sipat foi de 27 a 31 de outubro e a gincana constou de ta-

refas como trovas, palestras, cursos de fotografias e cartazes, teatro, caça-palavras e segurança da sorte. Cláudio Tavares, Gilson Roberto, Mônica Regina e Silvana Cretella (técnicos da DVLE) mostraram que vivem muito bem entre equipamentos elétricos e junto com seu lado artístico - revelado na peça de teatro que mostrou que o relacionamento familiar pode contribuir para atos inseguros no trabalho.



DESIGNAÇÕES



Fernando Sérgio de Barros para assistente do Departamento de Documentação e Microfilmagem, em outubro de 86.

SSU

Josef Richard Czechar para gerente do Almoarifado Regional de Ponta Grossa, em 2.12.86.

ERVA-MATE: TAMBÉM FUNÇÃO SOCIAL

A erva-mate, recurso natural abundante na área da Copel na Usina Foz do Areia, até bem pouco tempo era explorada por empresas do ramo ervateiro mediante contrato específico com a Copel. Recentemente a Empresa transferiu essa responsabilidade para a ASFA - Assistência Social de Foz do Areia que, através de concorrências, delega a extração aos ervateiros. A ASFA foi criada no tempo da construção da usina e mantém atendimentos assistenciais à clientela carente da comunidade da periferia — são atendimentos emergenciais no tratamento da saúde às crianças da escola, através do programa de saúde, criado em 1983. A arrecadação conseguida com a venda da erva-mate, a Copel — através da Fundação — estendeu o programa de saúde às demais comunidades de usinas.

Com a delegação da responsabilidade pela extração da erva-mate à ASFA, o resultado financeiro decorrente ficou distribuído em 75% para a Fundação Copel que atende aos programas de saúde nas escolas das usinas e, os 25% restantes são destinados à ASFA para atendimento às obras sociais e assistenciais na usina e região circunvizinha.

A parte destinada à ASFA está sendo aplicada em programas com a comunidade como curso de datilografia, de artes, festas natalinas e juninas, planejamento familiar e outros que, baseados em estudos sócio-econômicos, se apresentam viáveis de serem desenvolvidos.

ITAIPU - HORÁRIO DE VISITAS

DE SEGUNDA A SÁBADO

Manhã: 8h30min.

9h30min.

10h30min.

Tarde: 14h30min.

15h30min.

16h30min.

DOMINGOS E FERIADOS

8h 10h

8h30min. 11h

9h

Com a medida, a Itaipu terá condições de melhor atender aos visitantes que no período dezembro/fevereiro ocorrem em maior número, evitando as superlotações da sala de projeções e os ônibus que fazem o percurso de visitas.

UFA! ENFIM ME APOSENTEI. MAS, E AGORA?



PREPARAÇÃO PARA A APOSENTADORIA

Responda a esta bem-humorada enquete americana para verificar se já está na hora de se aposentar.

A resposta será positiva quando:

- todos, menos você, operam computador.
- todos os outros se vestem diferente de você.
- você é o único que se lembra da festa de Natal de 1952.
- faz anotações em papezinhos e logo depois esquece onde os colocou.
- o que você realmente quer de sua secretária é eficiência.
- o patrão for mais novo que você e, ainda por cima, é ela (patroa).
- o subordinado toma decisões que você como chefe, desconhece.
- pelo menos uma de suas gavetas está cheia de remédios.
- todos no trabalho são mais jovens que você.
- pensa nas férias e feriados, no mínimo, a metade do seu tempo.
- é sempre o último a deixar o escritório.
- nos bate-bolas é sempre chamado a ser o juiz.
- você conta histórias de guerra e perguntam "qual delas".

Onze milhões de brasileiros têm mais de 60 anos de idade. A sociedade está preparada para receber tanta gente? Não. É necessário, por isso, formar a opinião pública para esta realidade. É preciso preparar as pessoas para receberem esse enorme contingente. É necessário preparar esse enorme contingente para uma adaptação em seu novo meio social, familiar e emocional. O caminho natural de todo trabalhador é a aposentadoria. E ela acontece. Ninguém tem responsabilidade sobre ela: ou ela é voluntária ou é compulsória. Não se relaciona, entretanto, com velhice que não pode ser confundida com doença.

Preparar-se para a aposentadoria é planejar o exercício de um direito e não aguardar o usufruto de um benefício. Terá de ser um direito que propicie tranquilidade, serenidade, e não um truque para viver. Sob este precípuo aspecto, a aposentadoria deve ser pensada, repensada e fruto de um permanente diálogo com a família. Aposentar-se não deve ser como entrar em um túnel escuro. O caminho precisa estar bem claro, seguro, e a opção ser consciente...

- O que você vai ser quando crescer, meu filho? Então você deve preparar-se para isso, planejar a sua vida. E conseguirá o que quer...
- O que você vai ser quando se aposentar, pai?

Com certeza muitos homens de meia-idade não saberiam

responder a pergunta do filho. "Vou pensar nisso quando chegar lá!" Mas e as adaptações necessárias para a nova vida, a nova etapa. Que tipo de vida ele quer/vai/pode ter? A preparação é necessária porque as mudanças são profundas na volta do homem para casa. O homem deve preparar-se para a aposentadoria como alguém que perdeu o cargo se prepara para começar outra vez... "Quem não planeja a aposentadoria prepara para si uma armadilha", disse a psicóloga Ana Fraiman na palestra que fez no Seminário de preparação para a aposentadoria realizado nos dias 3, 4 e 5 últimos, na sede social da Fundação Copel.

Ao contrário daquele que vai pensar na aposentadoria "quando chegar lá", existe aquele que corre atrás dela a vida inteira e quando chega, não sabe o que fazer com ela. Em ambos os casos falta alguma coisa. O quê? Quando planejar?

O SEMINÁRIO

Sob a prisma de que a aposentadoria é uma projeção de si mesmo, o Seminário de pré-aposentadoria teve a finalidade de informar aos participantes questões relacionadas com a fase e ensinar uma decisão espontânea e consciente do empregado. Ao todo, 52 empregados da capital e do interior participaram do evento organizado pela DPDP, dentro da política de recursos humanos da



Flávio e Ana

PLANEJAR A APOSENTADORIA: ESTE É O PONTO DE PARTIDA PARA A NOVA ETAPA DA VIDA



Empresa, e coordenado por Carmen Lúcia Canalli Santiago. Do programa constaram palestras sobre os aspectos sociais da aposentadoria, saúde e aspecto de nutrição, abordagem psicológica, previdência social e plano previdenciário, saúde e medicina preventiva, aposentadoria (antes e depois), importância do lazer, mercado financeiro e uma explanação do que é a Associação dos Aposentados da Copel. Além de especialistas da Copel, proferiram palestras Jougias Cordeiro (médico endocrinologista), Ana Perwin Fraiman (psicóloga), Maurílio José Pinto (médico geriatra), Flávio da Silva Fernandes (sociólogo) e Iara Coelho (PHD em educação física).

AS PALESTRAS

O tom coloquial das palestras colocou os participantes muito à vontade para intervenções e permitiu que "planejamento" fosse elemento incisivo e primordial de todo o Seminário. Ana Fraiman conversou com os pré-aposentados sobre o tema "Abordagem Psicológica". Durante trinta e tantos anos, disse, o homem é um eremita: sai cedo de casa, volta tarde...

"Mas a gente deve considerar que é muito mais que trabalhador, que é gente! Não se deve deixar a preparação para a aposentadoria para a última hora. É meia-idade que é tempo de encarar situações das mais diversas, até o planejamento para a aposentadoria."

Como é essa transição? Passar do mundo do trabalho sistemático para o mundo do não-trabalho. É mais uma marca da alma que é formada de marcas que são o atestado de nossa vida. É vida de vencedor — a prova está aí, chegar vivo e com saúde até aqui. Segundo Ana, ainda assim, na aposentadoria, a indústria do colinho vai continuar, e deve ser preservada — um jogo de cartas, bate-papos, afeto do amigo, da amiga, passeios — porque a gente deve ser uma boa mãe para a gente mesmo. Sempre dependemos de cuidados e a vida de trabalho garante relacionamento e às vezes, até um bom amigo. Na aposentadoria essa dependência vai continuar e precisa-se de outros artificios, de jogo de cintura para não passar a viver em outro eremitério — o que pode ser evitado.

DIALOGO E PLANEJAMENTO

Apenas duas coisas são necessárias para se começar a nova vida em alto estilo: DIALOGO E PLANEJAMENTO.

Aposentadoria pressupõe uma reestruturação do tempo. E isso deve ser feito com antecedência: "o que eu vou ser quando me aposentar?" A resposta vem com o diálogo com a família, principalmente, quando vem à tona o primeiro grande desafio — fazer com que o homem apareça e não mais o trabalhador, e isso é possível quando existe uma preparação...

"Homem em casa não serve!" Ou então torna-se um serviçal. Nenhuma das situações é coerente. Ou então o homem, em casa, começa a prestar mais atenção na mulher: o que faz, quando faz, onde vai, a que horas vai. E começam as cobranças, os distúrbios que prejudicam tanto um quanto outro. Na ponta desse impasse a falta de diálogo, de planejamento: a família deve estar preparada para a volta do homem para casa e a companheira ciente de que algum outro vai "invadir" o seu reino, vai meter o bedelho no seu trabalho... As mudanças são realmente profundas e isto tem de ser muito bem pensado... e pensado antes.



Jougias



Iara

CONSCIENTIZAÇÃO

— Mas você vai àquela reunião de velhos? a pergunta poderia ter sido insinuada por alguém. Sob o ponto de vista social, a Empresa demonstra, com seminários para pré-aposentados, que ela está preocupada com o futuro dos empregados. E pretende ajudar a planejar, a introduzir um diálogo aberto e muito humano, antes de tudo, sobre tão importante fase da vida do trabalhador — a aposentadoria. As múltiplas informações recebidas, com certeza, fez com que a maioria dos participantes saísse encorajada, bem informada, consciente e agradecida.

"Esta é a primeira vez que venho para a capital. Foi uma oportunidade e tanto que a Empresa me deu: visitar a cidade e esclarecer muitas coisas sobre a aposentadoria..." comentou um participante, enquanto que outro dizia que "considero um prêmio que a Copel está me dando...".

Ninguém é independente a ponto de viver sozinho, frisou Flávio Fernandes. Assim, informar-se, saber como planejar a volta para casa é o começo do diálogo, da convivência. Essa nova fase da vida nasce quando se descobre o potencial da gente, do que se é capaz de fazer, além do trabalho, mecânico, instintivo... Há inclusive pessoas que rejuvenescem na aposentadoria — consequência da preparação, do planejamento, da adaptação serena, consciente, positiva.

Iara Coelho disse que a aposentadoria leva a uma reavaliação de valores e só é positiva "quando não for forçada, quando a saúde do corpo e a saúde financeira são suficientes para viver confortavelmente..." Se a gente "morreu" pelo trabalho (só trabalho, na ativa), a aposentadoria não será positiva, porque não foi planejada. Iara salientou ainda que o corpo nos dá algumas dicas muito boas: "agora me sentirei bem assim, depois farei aqui, amanhã divagarei, depois descansarei..." Essas orientações devem ser seguidas sem esquecer, o que é muito importante, a parte social — "estar no grupo que você aceita e que o aceita". E o lazer deve ser considerado como fazer o que se gosta e aí reside a importância do lazer que é valor de relevância na vida do aposentado.

Maurílio José salientou em sua exposição que o objetivo da geriatria não é fazer o indivíduo viver cento e tantos anos, mas é fazê-lo viver com saúde até a data programada, trabalhando. A gente tem uma programação de vida e dessa não se escapa, nem com a intervenção da medicina. Há as doenças que podem atrapalhar o caminho para a programação e delas o homem deve defender-se impedindo que ela cresça — pra evitar o remédio, não para tomá-lo.

Enquanto a cabeça estiver boa, disse, sempre se pode fazer algo por alguém. Para cuidar do corpo existe o exercício físico, sempre orientado, que é preventivo e evita medicamentos. E começando a viver em outro espaço, dentro de casa, precisa aprender a ser companheiro, conviver dentro de casa. O companheirismo, em qualquer idade, é muito importante e aumenta o valor da vida em qualquer circunstância.

A ADAPTAÇÃO

Conseguir adaptar-se à nova fase de vida consigna uma aposentadoria que valeu a pena ser preparada, aguardada. Deve-se, entretanto, evitar a adaptação neurótica — faz de conta que nada mudou, vive do que foi ou trabalha o dobro para mostrar que ainda pode. Ou a existência passiva. Outra adaptação a ser evitada é a de se poupar — deixar a profissão e seguir a carreira de doente ou de alcoolismo (bebe pra falar de amor, de ódio ou pra cantar...). A verdadeira adaptação é a planejada e essa adaptação começou, para os participantes do seminário, ao aceitar o convite, estar presente, ouvir, falar, informar-se...

O aposentado não é o velho, o doente mas o elemento que na caminhada da vida galgou um degrau a mais e se colocou entre os que passam a ser a consciência da Empresa, da história, do hoje...



O PLANEJAMENTO MODERNO EXIGE CONHECIMENTO DO PASSADO

Mário Penna Bhering, atual presidente da Eletrobrás, tem uma larga folha de serviços prestados no setor de energia elétrica. Engenheiro civil graduado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1945, com curso de especialização em Equipamentos Hidráulicos e Elétricos nos Estados Unidos, participou da organização das Centrais Elétricas de Minas Gerais — CEMIG —, tendo sido seu diretor em 1952, vice-presidente de 1955 a 1964, presidente de 1964 a 1967 e de novo presidente de 1983 a 1985. No plano internacional, foi consultor do governo peruano e vice-presidente do Comitê Brasileiro à Conferência Mundial de Energia, entre outros cargos. Presidente da Eletrobrás de 1967 a 1975, reassumiu a mais alta direção da empresa em 1985.

Como executivo, dr. Bhering sempre se preocupou com a preservação do patrimônio histórico das empresas que dirigiu e foi sob sua gestão que se iniciou o Projeto Memória da CEMIG e se criou recentemente, na Eletrobrás, a Assessoria da Presidência para a Preservação da Memória do Setor de Energia Elétrica.

BOLETIM HISTÓRICO — De que maneira o senhor, como executivo da área energética, vê a preservação da memória do setor?

MÁRIO BHERING — O exercício de função executiva em uma empresa estatal de serviço público tem características especiais. O executivo precisa, como qualquer dirigente de empresa privada, zelar pelo desempenho, eficiência, produtividade e, especialmente nos dias de hoje, pela saúde financeira da empresa que dirige, mas ao mesmo tempo não pode esquecer que tem sob sua administração um patrimônio que é da coletividade. Essa dimensão ética faz o sentido da tarefa administrativa recair não exclusivamente sobre a remuneração do capital investido, por exemplo, mas também sobre o incremento e melhoria dos serviços que presta à comunidade.

É do ponto de vista desses dois aspectos da atividade administrativa — o técnico e o ético — que vemos a preservação da memória do setor elétrico. Do ponto de vista técnico, é preciso considerar, por exemplo, que os investimentos na área energética têm uma maturação muito lenta, que as grandes obras, necessárias à produção em larga escala de energia, exigem prazos muito longos para viabilizar qualquer retorno de capital. Essa característica faz do planejamento um ingrediente fundamental em toda decisão e, modernamente, não se pode cogitar de planejamento sem uma boa avaliação do passado e daquilo que nele nos informa sobre a situação presente e o que podemos esperar do futuro.

Estes aspectos técnicos são reforçados por outra peculiaridade do setor elétrico: sua memória constitui-se em um patrimônio tão público quanto suas empresas e os serviços que prestam. É a dimensão ético-social, que se funda no fato de que a memória do setor é parte da memória da comunidade e deve estar disponível para conhecimento e uso por essa comunidade.

BH — Por que a memória do setor elétrico é tão importante para o conhecimento da história e da realidade brasileiras?

MB — O mundo depende cada vez mais da eletricidade. Precisamos de muita eletricidade para gerar força e calor nas indústrias químicas e metalúrgicas, mas também em menor escala para telecomunicações, climatização, computação etc. A extrema versatilidade elétrica faz dela uma energia essencial para o nosso modo de vida.

Ora, a presença extensa da eletricidade na sociedade brasileira atual é o resultado de um processo iniciado nas últimas décadas do século passado. A contribuição da eletricidade, nesses cem anos, tem sido fundamental para processos tão importantes como a ocupação do espaço urbano, a industrialização ou a reformulação de hábitos e práticas culturais. Em 1907, apenas 5% do total da energia utilizada pela indústria provinha da eletricidade. Em 1920, este percentual havia se deslocado para o patamar dos 47%. Ao longo deste tempo, a eletricidade passou por transformações muito grandes, tanto em seu papel econômico, quanto em suas relações com a sociedade e com o Estado. Ao final, sua trajetória é a de um fator que se tornou determinante em nossas vidas, desde o ambiente doméstico ao nível macroeconômico.

Assim, o esforço de preservar a memória do setor deve efetivar-se de modo a atingir os diversos estratos sociais segundo seus interesses, do mesmo modo que a própria energia elétrica atinge os consumidores que a utilizam segundo seus diversos interesses econômicos e culturais, suas diferenciadas expectativas de lazer e bem-estar.

A preservação da memória e a difusão de informações sobre a história do setor elétrico servirão também para superar, aos poucos, o hiato na consciência das pessoas em torno da eletricidade que, se por um lado deve ser encarada como um bem, por outro resulta de esforço e investimento coletivos. Essa consciência da sociedade sobre a energia elétrica será importante na resolução dos problemas que o setor atravessa no momento.

BH — O que a Eletrobrás pretende fazer nesse campo da preservação da memória nacional?

MB — Já existem no âmbito do setor elétrico várias iniciativas de preservação e recuperação de sua memória. A própria Eletropaulo tem desenvolvido um valioso trabalho nessa direção. O papel que vemos para a Eletrobrás é o de agir no sentido da interação e articulação desses esforços e de estimular e apoiar o surgimento de novos núcleos de preservação nas demais empresas do setor. Para tanto é nossa idéia criar, em conjunto com as empresas do setor, uma entidade cultural que seja instrumento da ação integrada dessas empresas no resgate e divulgação de sua memória.

No que diz respeito à sua própria história, a Eletrobrás já elaborou um projeto de pesquisa sobre a fase pré-operacional da empresa. Para gerir este projeto, viabilizar a criação da entidade cultural e articular as diversas iniciativas de preservação no âmbito do setor, a Eletrobrás instituiu a Assessoria da Presidência para a Preservação da Memória do Setor de Energia Elétrica.

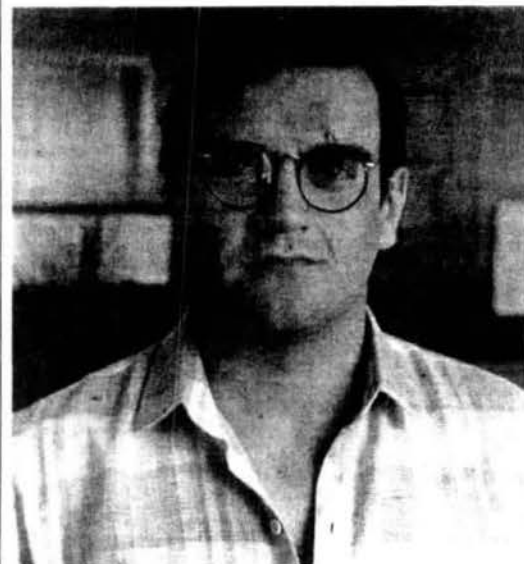
BH — Como o senhor vê o 1º Seminário Nacional de História e Energia, que está sendo preparado pela Eletropaulo?

MB — Considero uma iniciativa muito útil e oportuna. Certamente ampliará nossos conhecimentos neste campo, contribuindo ainda para integrar as práticas de preservação da memória ora empreendidas no setor. Possibilitará também partilhar nossas preocupações com um conjunto maior de interessados, especialmente com a comunidade acadêmica, cuja contribuição é fundamental para uma compreensão mais profunda da questão energética.

A Eletrobrás participará do Seminário empenhada que está em articular e integrar as ações em favor da preservação da memória da eletricidade no Brasil.

(Transcrito do Boletim Histórico/Eletropaulo/Set./86).

Obs.: O Seminário foi realizado de 20 a 24 de outubro.

MUSEU DA ENERGIA
VIVIFICAÇÃO

Um museu não deve se limitar a ser simplesmente um depósito de relíquias, mas sim um instrumento de divulgação e aprendizagem. Uma escola ilustrada, por assim dizer. Esse pensamento básico vai nortear as ações do consultor técnico do Museu da Energia da Copel, de um primeiros a surgir em todo o Brasil concentrando e

expondo um riquíssimo acervo em termos de aparelhos e documentação. Mário Cimbalista Júnior, 31 anos e 7 de Empresa, engenheiro eletrista, lotado na STR/DPMT/DVMS, tem em mente muitos planos para dinamizar a atuação do Museu, aplicando ao seu acervo projetos de vivificação.

A idéia de que um museu não seja apenas um armazém de antiguidades com objetos raros expostos como em vitrina, ocorreu a Cimbalista durante uma visita aos museus de história natural de Nova Iorque e Milwaukee, onde o público ao invés de se limitar a desfilar ante as raridades, toma parte em atividades especialmente planejadas para facilitar a compreensão e o aprendizado.

DESCOBRINDO MÚMIAS

Um dos exemplos mais marcantes para Cimbalista foi visto no Museu de Nova Iorque: "A sala dedicada à civilização egípcia era manida no escuro, e à entrada as pessoas recebiam lanternas para explorar, elas mesmas, o que havia lá dentro. Imagine o impacto e a emoção de uma criança ao dirigir o fecho de luz e descobrir sarcófagos, vasos, múmias, jóias, estatuas e roupas. É algo inesquecível, em que a realidade histórica se associa à fantasia infantil de explorar lugares desconhecidos, descobrir, fazer história". Bem diferente do que se faz no Brasil, onde tudo está disposto de forma a ser visto e não ser tocado, guardando uma sensação de distanciamento: os objetos depois de olhados são esquecidos, por não serem entendidos, por não serem explicados.

Esse método, para Cimbalista, deve dar lugar à criatividade. Dentre os projetos já pensados para a vivificação do Museu da Energia, está uma bicicleta na qual o visitante poderá sentar e pedalar, acionando um pequeno gerador que por fim fará acender uma lâmpada. "Isso dará às pessoas a idéia exata de quanto custa, em termos de esforço e energia, manter acesa uma lâmpada", afirma. Há intenção também de se construir uma hidrelétrica em modelo reduzido mostrando como se consegue energia a partir da água, e um sistema mostrando como atuam os equipamentos de proteção de linhas e subestações: "Por exemplo, um pequeno sistema que ao acionar de um botão sofra os efeitos de um curto-circuito para fazer atuar os mecanismos de proteção".

Alguns dos projetos de vivificação poderão começar a ser desenvolvidos agora em 1987, diz Cimbalista, que vai dedicar algumas semanas para detalhar os planos: "Idéias temos muitas, para implantação imediata e futura. Pretendemos incluir no acervo exemplos representativos do que seja o patrimônio técnico da Copel; as invenções, soluções, os novos materiais e equipamentos, tudo isso é história e merece preservação", arremata.

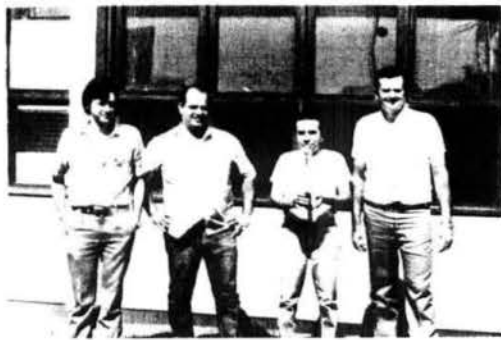
ENTREGA DE CERTIFICADOS EM FOZ DO AREIA

No dia 24 de outubro, os empregados que neste ano completaram 10 e 25 anos de serviços na Empresa, lotados em Foz do Areia e Segredo, receberam os certificados alusivos à data. A solenidade que congregou empregados e familiares dos homenageados aconteceu em Foz do Areia com a presença do diretor de Engenharia e Construção Alcyr de Castro Ricardo dos Santos, do Superintendente de Geração Edgar Fávoro, do Superintendente de Obras de Geração Newton Buseti e gerentes de áreas afetadas.

SE PARANAÍ - DESTAQUE DO ANO

Coube à equipe de operadores da subestação de Paranaí o troféu DESTAQUE DO ANO, dentro do programa de treinamento e reciclagem a operadores de SE, desenvolvido pelo Centro de Transmissão de Maringá. Para o resultado final

foram levados em conta os trabalhos, testes, verificações e desempenho geral da equipe em manobras programadas e de emergência. Dos operadores lotados na SE, apareceram na foto Carlos, Edivaldo, Antônio e Eronides (o encarregado).



MANUTENÇÃO DO FERRAMENTAL

Antecedendo a reunião mensal dos eletricitistas, a agência de Londrina promove a manutenção de todo o seu ferramental de trabalho. Assim, são lubrificadas alicates, chave inglesa, lavrador, descascador de fio e mosquetão de talabarte; chaves de fenda e canivete são esmerilhados; o cinto de segurança é untado com óleo de peixe, como a capabainha para ferramentas; são la-

vados capacetes, botas e luvas de borracha; um por um os instrumentos de trabalho são testados.

Implantado em 1978 esse serviço traz ótimos resultados para a Empresa: menor desgaste, menor reposição, melhor eficiência do material, resultando em melhor qualidade de serviço do eletricitista e principalmente, maior segurança do trabalho.



NOMES DE EMPREGADOS A OBRAS DO CLIC RURAL: A EMOÇÃO DAS CARTAS

Ao prestar uma simples homenagem aos companheiros que completaram 25 anos de empresa em 86, colocando seus nomes em obras do Clic Rural das regiões Oeste e Sudoeste, o superintendente regional de Cascavel, Victor Hugo Marmelo dos Passos, não imaginava que tal procedimento iria ter uma repercussão tão positiva.

Passados poucos dias da emissão das correspondências aos 44 homenageados do ano, choveram emocionadas cartas e telegramas de agradecimentos, tão sinceros que merecem ter certos trechos reproduzidos pelo "Copel Informações", mantendo-se o anonimato dos seus remetentes para que ninguém sintasse com a suscetibilidade ferida.

A primeira dela diz o seguinte: "Hoje, precisamente às 16:45 horas, fui tomado por uma forte emoção ao ler a mensagem enviada pelo amigo. Não tenho vergonha em confessar que, quando estava lendo, deparei-me com os meus olhos cheios de lágrimas, lágrimas de alegria e satisfação. A homenagem que o amigo e os companheiros da Regional de Cascavel estão me prestando (...) é para mim o maior prêmio que me foi atribuído ao longo dos meus 25 anos de serviços prestados à nossa querida Copel, e também será uma grande lembrança que guardarei para toda a minha vida".

Em forma de telegrama, uma outra mensagem revela um remetente sensibilizado: "Tal homenagem muito emocionou a mim e meus familiares". O mesmo aconteceu com um missivista curitibano: "Acreditem, é a maior homenagem que recebi na vida. Vocês todos, da Regional Cascavel, estão de parabéns.

De uma só forma conseguem unir em um grande abraço todos os copelianos, através dessas homenagens, pois as mesmas têm a melhor repercussão possível, e prestam uma prova inequívoca de carinho e respeito aos demais companheiros, demonstrando que os laços que nos cercam são do tamanho da Copel".

Ainda de Curitiba: "Profundamente sensibilizado com a marcante homenagem recebida dos amigos dessa Superintendência (...) desejo manifestar a minha eterna gratidão por terem lembrado deste humilde companheiro de trabalho, num momento bastante significativo de sua vida funcional. Atitudes como a demonstrada pelos preclaros amigos é que nos dão a certeza da bondade dos homens para com seus semelhantes e enaltecem, cada vez mais, o nosso respeito em relação a empresa em que trabalhamos".

"Sabia - diz outra carta - que nutria por nós uma grande e sincera amizade, mas jamais

passaria pela cabeça receber tanta homenagem. (...) Tanta é a emoção que me faltam palavras para os agradecimentos". Destaca-se também o trecho desta: "Peço a Deus que ilumine vosso caminho, como também de todos aqueles que, com o empenho ora invocado, seja não apenas lembrado e sim seguido, pois são ações desta natureza que nos fortalecem a enfrentar os novos obstáculos". E para arrematar: "Agradeço-lhe, mais ainda, pela honra com a qual fui distinguido (...), fato este que me deixou deveras envaidecido e sensibilizado pela demonstração de afeto, amizade e consideração, pela pessoa deste soldado da empresa que, durante toda a sua vida útil de trabalho, sempre se dedicou inteiramente aos objetivos da Copel, para que ela chegasse onde chegou".

A estas alturas, já não se sabe mais quem ficou mais emocionado: os homenageados ou o autor da homenagem?

EM FIGUEIRA, A DECLAMAÇÃO

No final de outubro os alunos de 5ª a 8ª séries do primeiro grau da Escola Leão Schulmann promoveram o I Concurso de Declamação de Poemas. Foram declamados 33 poemas de grandes autores. A classificação foi assim:

Da 5ª série: Célia A. Vieira (1º lugar), João E. de Lima (2º) e Eduardo T. Oliveira (3º).

Da 6ª série: Rosana A. de Carvalho (1º), Deiseleir A. de Souza (2º) e João Marcos Mota (3º).

Da 7ª série: Luciana A. Fernandes (1º), Ely R. Silva (2º) e Cristina S. Vieira (3º).

Da 8ª série: Paulo F. Oliveira (1º), Marcilei Antunes (2º) e Chris R. Oliveira (3º).

FEIRA LIVRE FEIRA LIVRE

COISAS QUE DÃO VONTADE DE MORRER

Com licença, CARLOS NOBRE saudoso (jornal Zero Hora), transcrevemos aqui a sua coluna do jornal do dia 18.11.84.

- Quando você está num jantar absolutamente sério e sente um comichão em lugar de seu corpo sem seriedade nenhuma.
- Quando você, sentado na mesa do banquete da maior cerimônia, tira um sapato pra aliviar o aperto do pé e depois não localiza o desgraçado, tateando com o outro em todas as direções embaixo da mesa.
- Quando você, desastrosamente, deixa cair o croquetezinho no decote da senhora que está sentada numa poltrona.
- Quando você confunde o anfitrião, que está de smoking, e pede que ele lhe arranje scotch, chamando o distinto de "garçon".
- Quando você faz rasgados elogios à beleza da filha do senador ao próprio, e ela é a esposa dele.
- Quando você, acidentalmente, entra no banheiro das senhoras e o banheiro tá cheio delas, todas nas poses mais descontraídas, algumas até puxando as calcinhas.
- Quando, na rua, você encontra um velho amigo que não vê há muito tempo e na maior alegria vai logo berrando: "Seu grande fdp, onde é que você andava?" E não se trata de seu velho amigo.
- No jantar cheio de cerimônia você levanta pra fazer um discurso e sente alguma coisa que começa a subir pela sua perna.
- A mais clássica de todas as situações desagradáveis: Você tá com um amigo na rua, passa uma "coroa" dessas que se fosse emprego todo mundo pedia aposentadoria e você comenta: "Nossa, essa aí eu não papava de jeito nenhum". O amigo: "Pera aí, pô! Essa é minha mãe!". "Papava sim, claro que eu papava!"
- Quando você, numa roda de gente séria, deixa escapar que é malufista.

COMUNICADORES DE ABSURDOS

NIMBUS 747

O jogo era em Londrina e logo no início da tarde. Calor sufocante, que levava o comentarista daquela tevê desbravadora a conjecturar: "Os jogadores não conseguirão manter o ritmo durante o segundo tempo". O repórter de campo, arguto, fez observar o tempo: "O calor é de mais de 35 graus, mas há previsão de fortes chuvas, dado

o acúmulo de negras nuvens que daqui podemos divisar". De volta ao narrador, este reconhece razão ao seu repórter: "É verdade, há muitas nuvens sobrevoando o estádio".

Não choveu. Decerto porque o destino final das nuvens era o aeroporto internacional do Galeão.

CURIOSIDADES

COMO SURTIU O NOME DO AEROPORTO "VIRACOPOS"

Fica em Campinas (SP) e o nome surgiu do fato de estar localizado num bairro onde se situa a zona do meretrício, local em que pontifica a baderna, a arruaça e a bebedeira. A consequência disso eram mesas jogadas ao ar e copos virados todas as noites. Iniciada a construção

do aeroporto, comentava-se, em tom de galhofa, que o bairro iria ganhar mais um virador de copos (pela deslocação de ar que os grandes jatos naturalmente iriam provocar). O aeroporto, assim, já tinha nome: Viracopos.

A ORIGEM DA PALAVRA "GARI"

Aleixo Gary foi o primeiro proprietário de empresa de serviços de limpeza do Rio de Janeiro, no final do século passado. Seus funcionários eram inicialmente chamados pela popu-

lação de empregados do Gary; posteriormente, apenas garis, aplicada mais uma vez a lei do menor esforço — lei de que o povo tanto gosta, desde os tempos do latim vulgar.



A OPORTUNIDADE

Aproveitando o ensejo das eleições, uma revendedora de veículos do Rio de Janeiro publicou, em página inteira, do jornal O Globo, no dia 12 de novembro, este anúncio:

VOTO SECRETO

Quando você compra um carro com um problema desse tamanho e ninguém descobre o defeito.

VOTO CAMARÃO

Quando você compra um carro e perde a cabeça.

VOTO LUA-DE-MEL

Você compra um carro hoje e alguns meses depois está quase tendo um filho.

VOTO GAY

Quando você compra um carro que está mais pra lá do que pra cá.

VOTO TELEFONE

Você tenta ligar o carro e descobre que foi um engano.

VOTO VIRGEM

Você compra um carro quase "0 km" e descobre que ele já passou na mão de todo mundo.

VOTO INDECISO

Você faz a curva para um lado e o carro vai para o outro.

VOTO IDEOLÓGICO

Você compra um carro hoje e não tem a menor idéia de quando ele vai chegar.

VOTO MINERVA

Quando seu carro está virando pó e você espumando de raiva.

VOTO CABRESTO

Quando você compra um carro que só anda puxado pelo reboque.

VOTO VINCULADO

Você sai com o carro e tem que levar o mecânico junto.

VOTO ÚTIL

GATÃO.

LIVRE PENSAR

Ei!

Olhe para lá.

Onde tem vida e sabedoria o suficiente

para que você aprenda amar a vida.

Nesse além onde seus olhos agora estão fixos,

existe alguém que se preocupa com você,

comigo e com nossos inimigos.

De lá, vieram homens sábios, como você,

homens que desenvolveram coisas boas para a humanidade;

de lá vieram homens como EINSTEIN, GANDHY e outros

grandes personagens na história da humanidade, pessoas

como você.

Só falta desenvolver.

AGORA FECHÉ OS OLHOS E OLHE PARA LÁ.

VERLING GONÇALVES DOS SANTOS

REGISTROS PITORESOS

ATENCIOSO

O gerente havia dado prazo, após o vencimento, para que o consumidor quitasse as faturas, caso contrário seria cortado. O consumidor concordou. Entretanto, o dinheiro não entrou no dia marcado. O consumidor foi cortado. Logo, o gerente recebeu um bilhete:

"Amigo,

a oportunidade que me foi dada não combinou com a minha sorte, pois, todo mês, os apontados final 3 recebem no máximo até o dia 09. Estou de volta do banco e o final 3 é amanhã, dia 11.

A portadora do bilhete é minha filha. Eu emprestei dinheiro para pagar 1 fatura, peço o favor de mandar religar hoje. Amanhã às 13 horas, passo aí para agradecer-lhe pessoalmente e levo a segunda fatura já paga.

Certo de ser atendido, agradeço".

PENSAMENTOS

"O homem é bom. Os homens são maus". Jean Jacques Rousseau.

"A consciência é o melhor livro que nós possuímos e o que mais devemos consultar". Pascal.

ACREDITE SE QUIZER: FOI ENTERRADO DUAS VEZES

Esta aconteceu no município de Santa Isabel do Oeste, área da Regional de Cascavel, dia 1º de dezembro de 86. Por mais absurda que a história possa parecer, acreditem que é verdadeira.

Um servente de pedreiro, 18 anos, cujo nome não precisa ser revelado — afinal, ele não teve nada com o fato, de autoria de terceiros — auxiliava na concretagem de uma viga, quando um companheiro dele pediu para alcançar uma barra de ferro. Displacientemente, ele deixou-a tocar na rede 34,5 kV, recebendo uma forte descarga elétrica que lhe trouxe a morte quase instantaneamente.

Durante o velório, alguém jurou tê-lo visto se mexer. Bastou para que um grupo de amigos fizesse uma última tentativa de ressuscitá-lo, com base no que

ensina a sabedoria popular. Rapidamente tiraram o morto do caixão, abriram um buraco no fundo do quintal e deixaram o corpo só com a cabeça de fora, segundo consta, "para dissipar a energia acumulada".

Qual não foi a surpresa de uma vizinha ao chegar ao velório e ver o caixão vazio e toda aquela correria rumo aos fundos da casa. Já sobressaltada viu o falecido enterrado daquela forma, perdeu as forças e desmaiou incontinentemente. Aí foi um deus nos acuda, envolvendo todas as autoridades constituídas da cidade para, em meio aos prantos da família, dar um sepultamento digno ao homem que estava irremediavelmente morto.

Seria cômico se não fosse trágico.

PROJETO "CONHEÇA SUA EMPRESA"



Pessoal de Londrina



Pessoal de Maringá

Já a partir de janeiro próximo estará implantado, em definitivo, o projeto "Conheça sua Empresa". Com a receptividade obtida em duas viagens experimentais — com um grupo de Maringá e outro de Londrina, em visita à capital — a diretoria da Empresa considerou oportuna e interativa a iniciativa da Assessoria de Relações Públicas.

O projeto prevê, para o pessoal do interior, visita às instalações da Empresa na Capital

e à Usina Governador Parigot de Souza ou, simplesmente, visita a outra unidade geradora da Copel. O pessoal da capital poderá deslocar-se a uma sede regional do interior ou a uma usina.

Da avaliação das visitas experimentais depreendeu-se um entusiasmo ímpar pela oportunidade que a Empresa oferece aos empregados, alguns dos quais jamais sairiam de suas unidades de trabalho por conta própria. As conclusões foram as mais

variadas destacando-se, entretanto, como regular a esteufação pela área de computadores e Centro de Operação do Sistema.

A oportunidade de participar do projeto é estendida a todos os empregados que a partir de janeiro poderão fazer inscrições junto aos assessores regionais de Relações Públicas e aguardar a data do embarque.

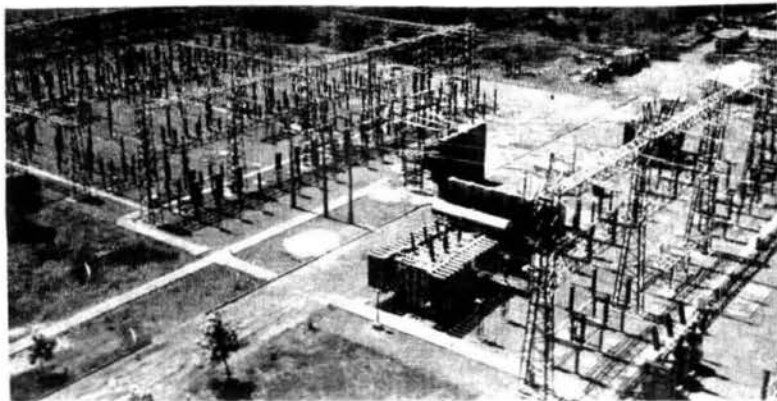
No mais, bom proveito e boa viagem!

EM CASCAVEL, A MAIOR SUBESTAÇÃO DA COPEL

Ao receber a quarta ampliação em seus 9 anos de funcionamento, a SE/Cascavel 230 kV ganha neste final de ano a condição de maior subestação transformadora da COPEL em termos de capacidade instalada. São agora exatos 498,67 MVA, forma-

dos por 150 MVA de cada um dos três AT 230/138-18,8 kV, (o último deles, um Daihen japonês substituindo a um Mitsubishi destruído por um incêndio em 83), um TR 138/34,5/13,8 kV com 41,67 MVA e ainda um TR 34,5/13,8 kV, acrescentando

mais 7 MVA à capacidade final de transformação. As ampliações e outras melhorias foram concluídas em novembro, visando atender ao crescimento das cargas e melhorar o fornecimento aos consumidores das regiões Oeste e Sudoeste do Paraná.



AGÊNCIA DE GUAÍRA - 10 ANOS SEGUROS

Homenageada pela Superintendência Regional de Cascavel, a Agência de Guaíra comemorou dia 1º de dezembro 10 anos sem registros de acidentes do trabalho. Os 15 empregados lotados na área, inclusive a AGB de Terra Roxa, confraternizaram com seus familiares como forma de celebrar a manutenção do índice zero de acidentes durante a última década.

Os copelianos de Guaíra receberam da SRV e do DPRC uma placa alusiva ao feito. Os empregados Olívio de Oliveira Cordeiro e Rita Terezinha dos Santos Correia igualmente foram lembrados com placas de prata por terem passado este tempo todo na agência, sem envolvi-

mento em acidentes.

Para o gerente Domingos Testa Dal Posso, há 3 anos na função, o mérito cabe todos aos próprios empregados, pela consciência manifestada e o desejo de trabalhar com segurança. Segundo ele, nada de especial se faz em matéria de prevenção de acidentes do trabalho além da programação normal da Empresa, mas nem por isso os empregados se mostram relapsos com um item que considera da máxima importância. "Achamos apenas que estamos cumprindo o nosso dever de atuar de acordo com as normas estabelecidas pela Copel, porém, satisfeitos com o reconhecimento dado a este esforço", acrescenta.



O REI DO COSTELÃO



Antonio Atecir Pavelegini, ou simplesmente Ipê, recusa-se a aceitar ser chamado pelos amigos de "um dos melhores assadores de churrasco do Sul do Mundo". Pura modéstia dele. Na Regional de Cascavel de longa data é conhecido como o "Rei do Costelão", uma técnica que é a sua especialidade, não importa o tamanho da carcaça. Segundo ele, o segredo para assar uma costela inteira apenas cravada no chão é iniciar bem o fogo, de acordo com o lado do vento,

temperando apenas com sal grosso apropriado. Demora-se pelo menos cinco ou seis horas para se obter o resultado: a carne se desmancha e pode até ser desfiada com a mão. Motorista de profissão, Ipê tem 44 anos, trabalha há 11 na Copel e não dispensa um bom chimarrão. Quando convidado para assar um costelão, consome no mínimo três boas chaleiras de água quente para sorver avidamente com o mate, é claro, sempre dividindo com os expectadores.